

DOCUMENTO DE TRABALHO



**IIIFORUM NACIONAL
JUMAS BRASIL**

**UNIDOS POR MARIA
JUMAS POR UM IDEAL**

JUMASBRASIL

Caros membros da Juventude Masculina de Schoenstatt,

É com muito orgulho que trazemos à vocês este primeiro material de estudo, na busca pelo nosso Ideal Nacional.

Esforços foram somados, e muito nos alegra em chegar até cada um de vocês, para mexer com a inquietude de nossa busca.

Um breve recordatório: Em nosso ultimo Fórum Nacional, no Itaara (nov/2007) foram escolhidos os temas de nossa busca.

Sendo eles: Aliança de Amor, Tabor, Puer et Pater, Homem Novo, Fogo Heróico e Vinculação.

Nesta apostila, procuramos dar uma abordagem mais ampla, para que cada um de nós possa analisar e levantar questionamentos sobre cada um dos aspectos abordados aqui.

Desde já, aguardamos cada um de vocês em nosso III Fórum Nacional.

Caminhem sob a Proteção de Deus e Nossa MTA



Unidos Por Maria, Jumas Por Um Ideal

Secretaria Nacional e Assessores Nacionais.

CAPITULO

1

ALIANÇA DE AMOR

HOMEM NOVO

TABOR

VINCULAÇÃO

PUER ET PATER

FOGO HEROICO

Tabor

1. Introdução

Em suas visitas ao Brasil, o Pe. José Kentenich observou muito as características do povo brasileiro e procurou escutar as vozes de Deus, na alma da Família de Schoenstatt, que estava no início de seu desenvolvimento.

Em 20 de abril de 1947, nosso Pai e Fundador proclamou, solenemente, o Tabor como ideal da província das Irmãs de Maria do Brasil. Isso se deu após muitas reflexões e diálogos, que puderam contribuir especialmente no discernimento do ideal.

... quais são as grandes tarefas contidas no Ideal? A Mãe de Deus quer revelar aqui suas glórias. Sua glória consiste em fazer que Cristo possa subir novamente ao trono.

(Pe. José Kentenich, Londrina – 1947)

Ele refletiu abundantemente sobre o ideal-missão Tabor e todas as suas implicâncias; estava claro que não se tratava apenas de um ideal para Irmãs de Maria, mas sim uma missão para o Schoenstatt Brasil. Em sua última mensagem ao Brasil, ele reforça o pensamento:

Cuidaremos que não somente nossa pequena família, mas o Brasil todo, sim, grande parte – até podemos crer que o mundo inteiro se tornará Tabor de nossa Mãe e Rainha de Schoenstatt.

(Pe. José Kentenich, Mensagem para bênção da Pedra Fundamental do Santuário da Vila Mariana, São Paulo – 1967)

Em 1984, em preparação ao centenário do nascimento de nosso Pai e Fundador, a Família de Schoenstatt do Brasil fez um amplo trabalho em busca da definição de seu ideal nacional. A conclusão definiu como ideal da Família de Schoenstatt no Brasil o Tabor. Contudo, ainda era necessário que o ideal fosse mais estudado, amadurecido e vivido, para que toda família compreendesse com mais clareza seus conteúdos. Após um longo trabalho feito nos diversos regionais, a Central Nacional dos Assessores chegou a uma síntese que, sem a pretensão a ser definida em sua formulação, nem exaustiva em seu conteúdo, resume em poucas frases a compreensão fundamental do ideal-missão Tabor.

Nessa síntese, encontramos os quatro elementos do ideal-missão Tabor, isto é, os aspectos essenciais para sua compreensão. Diante da pergunta sobre o que o Pai e Fundador queria expressar quando falava do Tabor, definiu-se:

- o **Tabor bíblico**: a experiência da transfiguração de Cristo, na qual ele manifesta sua glória e o Pai o revela como Filho muito amado;

- o **Santuário, Tabor das glórias de Maria**: no Santuário, Maria manifesta

suas glórias: ser formada à imagem de Cristo e formar Cristo em nós;

- o **filho Tabor**: Maria quer formar a imagem do Filho muito amado do Pai em nós, cuja atitude fundamental é a filialidade heróica;

- o **Tabor nossa missão**: somos filhos Tabor e instrumentos de Maria. Assumimos esta missão para que Ela possa formar Cristo nas pessoas e transformar nossa sociedade, o Brasil e o mundo inteiro em um Tabor.

2. Meditação bíblica (primeiro elemento do ideal)

Oito dias após dizer essas palavras, Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago, e subiu à montanha para rezar. Enquanto rezava, seu rosto mudou de aparência e sua roupa ficou muito branca e brilhante. Nisso, dois homens estavam conversando com Jesus: eram Moisés e Elias. Apareceram na glória, e conversavam sobre o êxodo de Jesus, que iria acontecer em Jerusalém. Pedro e os companheiros dormiam profundamente. Quando acordaram, viram a glória de Jesus, e os dois homens que estavam com ele. E quando esses homens já iam se afastando, Pedro disse a Jesus: “Mestre, é bom ficarmos aqui. Vamos fazer três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias.” Pedro não sabia o que estava dizendo. Quando ainda estava falando, desceu uma nuvem, e os encobriu com sua sombra. Os discípulos ficaram com medo quando entraram na nuvem. Mas, da nuvem saiu uma voz que dizia: “Este é o meu Filho muito amado. Escutem o que ele diz!” Quando a voz falou, Jesus estava sozinho. Os discípulos ficaram calados, e nesses dias não contaram a ninguém nada do que tinham visto. (Lc 9,28-36)

O Tabor é o “monte da transfiguração”, sobre o qual Jesus manifestou sua glória a seus discípulos. A meditação sobre o acontecido neste monte santo ainda conduz muitos fiéis ao encontro pessoal com Jesus Cristo. Ao ler a passagem de Lucas que narra a transfiguração, podemos nos vislumbrar a cena e, ainda hoje, escutar a voz do Pai: “Este é o meu Filho, muito amado.” A transfiguração aconteceu depois da confissão de Pedro: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus” (Lc 9,20). Agora é o Pai que confirma esta confissão: “Este é o meu Filho muito amado”. A mesma confissão do Pai já tínhamos escutado no Batismo do Senhor Jesus (cf. Lc 3,21;22).

Transfigurar significa mudar a aparência, a forma. Na transfiguração sobre o Monte Tabor, Jesus muda sua aparência: Ele mostra, em sua humanidade, a glória de sua divindade. Entretanto, para estar definitivamente transfigurado (ressuscitado) Ele terá que oferecer sua própria vida. É interessante notar que os três discípulos presentes no Monte Tabor são os mesmos que assistirão a dolorosa paixão de Jesus no Horto das Oliveiras: Pedro, Tiago e João (cf. Lc 22,39-46).

O Filho muito amado também é o Filho heróico e obediente até à morte de Cruz. O “monte da transfiguração”, portanto, é uma referência ao “monte da crucificação”. O testemunho do Pai sobre o Monte Tabor é mesmo sobre o Monte Gólgota; no Tabor, Jesus aparece como o Filho transfigurado, no Gólgota, Jesus é

o Filho heróico e em ambos Ele é o Filho amado. Somente na experiência do amor é possível carregar a cruz e suportar o escárnio.

3. Os demais elementos do ideal-missão Tabor

3.1. Santuário, Tabor das glórias de Maria

Tabor é todo lugar onde Maria manifesta suas glórias (sua luz, sua vitória). O Santuário de Schoenstatt, lugar da Aliança de Amor, é onde Ela manifesta especialmente suas glórias: ter sido formada inteiramente por Cristo e formar Cristo em nós. Em suas glórias, contemplamos a vitória e a luz de Cristo; Ela quer nos tornar semelhantes a Ele, fazer de cada um de nós um *alter Christus*.

Maria é um reflexo de Cristo, está totalmente impregnada e possuída por Ele. Todo o seu ser é uma referência direta a Cristo; antes de mesmo de seu nascimento a graça de Cristo a preservou de todo pecado (cf. Dogma da Imaculada Conceição). No entanto, Ela não reserva esse privilégio somente para si: quer nos educar segundo a imagem de Cristo.

Ela quer exercer essa tarefa, de modo especial, nos Santuários de Schoenstatt. Ali, Maria atua como a Educadora e Formadora do Homem Novo. Ela se empenha para que todos aqueles que selaram uma Aliança de Amor com Ela no Santuário possam repetir com Paulo a seguinte frase: “Já não sou mais eu que vivo; é Cristo que vive em mim!” (Gl 2,20).

No Santuário, Maria forma homens e mulheres para que se sejam protagonistas da história de nossa pátria e não apenas devotos. O grande protagonista da história da humanidade é Jesus Cristo, que redimiu a todos e inaugurou o Reino de Deus já neste mundo.

3.2. O filho Tabor

No Santuário, Maria forma em nós o filho Tabor, cuja atitude fundamental é a filialidade heróica. O filho heróico é aquele que quer cumprir a Vontade do Pai em sua vida, mesmo que essa o conduza a sofrimento e cruz.

Ser um filho heróico, ser um filho Tabor é uma missão de vida que todo schoenstattiano no Brasil está chamado a assumir. Depois de ter passado pelo Campo de Concentração de Dachau, nosso Pai e Fundador estava convencido de que Schoenstatt era uma obra divina e, portanto, percebia a urgência de sair pelo mundo anunciando a missão. Ele veio para a América do Sul para puxar o carro de triunfos da Mãe de Deus e buscar aliados. Nós somos hoje seus aliados!

A missão do Homem Novo na Nova Comunidade com um forte acento apostólico não será realizada somente com boas palavras; é necessário uma atitude de vida vigorosa, forte, marcada pela graça de Deus e pela liberdade interior. Por isso, quando falamos que o filho Tabor é aquele cuja atitude fundamental é a filialidade heróica, estamos implorando que Maria nos transforme

em imagens vivas de Cristo para o mundo hoje.

A atitude fundamental de Cristo é filialidade heróica: Ele nunca hesitou em cumprir a Vontade de seu Pai. Este é o Cristo que Ela quer formar em nós: o Cristo heróico. Entretanto, não podemos pensar que basta a atitude, basta o sofrimento. Se Deus nos pede sofrer e se queremos ter uma atitude interior heróica é pela missão: para que o Brasil e o mundo inteiro se transformem em Tabor; para que o Brasil e o mundo inteiro vivam da presença transfigurada do Senhor.

Rainha da Filialidade Heróica! Tu és a Portadora de Cristo! Em tua Província Tabor debes nos dar de modo especial Jesus, com seu poder, com sua bondade, mas também com sua filialidade heróica em relação ao Pai!
(Pe. José Kentenich, Santa Maria – 1949)

3.3. Tabor, nossa missão

A postura masculina ante o ideal-missão Tabor não se contenta com a expressão: “Aqui é bom estar!” Sim! Aqui é bom estar! Sim! É bom estar no Santuário! Sim! É bom ser schoenstattiano, ter Maria por alada e pertencer a um grupo de vida, a um grupo de irmãos! Porém, uma pergunta ainda nos inquieta: para quê? Para que nos esforçamos tanto em formar grupos de vida? Para que nos esforçamos tanto pela Aliança de Amor? Para que queremos compreender melhor o ideal-missão Tabor? A resposta: para transformar o mundo!

O ideal nunca nos deixará tranqüilos, mas se encaramos o ideal também como missão de vida, estaremos, pelo menos, trilhando um caminho que condiz mais com nosso estado de vida.

Quando falamos que o Tabor é nossa missão, estamos nos referindo ao sonho de impregnar as estruturas de nossa sociedade com a força do Cristianismo. Queremos que a fé seja o coração de nossa cultura brasileira, que o Cristo Redentor não seja somente o cartão postal mais belo do país, mas que Ele seja uma chama ardente no coração de todos os brasileiros.

Ao contemplarmos o Tabor como nossa missão, muitas perspectivas nos são abertas: como posso fazer que Cristo seja uma realidade em minha vida escolar? Como posso fazer que a fé no Senhor transfigurado seja palpável em minha universidade? Como posso ser presença viva de Jesus Cristo em meu ambiente de trabalho? Inclusive, posso me perguntar: ao me relacionar com as pessoas, sou um reflexo vivo de Cristo? Imaginemos se os dirigentes da nação tivessem presente estas perguntas... seguramente, nosso país seria bem distinto.

E o futuro do Brasil está em nossas mãos! Está nas mãos dos filhos Tabor, nas mãos daqueles que assumem a missão e se esforçam para que irradiar Cristo Jesus hoje!

CAPITULO

4

TABOR
HOMEM NOVO

ALIANÇA DE AMOR

FOGO HERÓICO

VINCULAÇÃO

PUER ET PATER

Aliança de Amor

1. Introdução

Em virtude da Aliança de Amor, torno meus os interesses de Maria e Ela faz seus os meus interesses. Isto nós o expressamos, ao rezar a consagração: “Ó minha Senhora, ó minha Mãe, eu me ofereço todo a vós...” E por fim concluímos: “... e porque assim sou vosso, ó incomparável Mãe, guardai-me e defendei-me como coisa e propriedade vossa.” Conhecemos o círculo de interesses da Mãe de Deus. Com todo o seu ser, também com sua vida e atuação está totalmente voltada a Cristo, à sua pessoa e missão. Maria existe exclusivamente por causa dele. Sua existência não possui outro fundamento. Por tempo e eternidade, total e perfeitamente Ela se consome pelos interesses, necessidades e cuidados, pelas tarefas e intenções de Cristo e do Reino de Deus.

(Pe. José Kentenich, Maria, Mãe e Educadora, pág. 208)

O selo distintivo de todo schoenstattiano é a Aliança de Amor com a Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt. Nosso Pai e Fundador, no texto acima, nos indica muito claramente em que consiste esta Aliança: em uma troca de interesses, ou como muitas vezes falamos, em uma troca de corações. Os interesses de Maria passam ser os nossos interesses e os nossos interesses passam ser os seus; o coração de Maria se torna nosso coração e nosso coração se torna o coração de Maria.

Ao longo da história de Schoenstatt, a fidelidade de Maria à Aliança de Amor foi mais que comprovada. Ela aceitou o pedido do Pe. José Kentenich e da geração dos Cruzes Negras de se estabelecer no Santuário e ali realizar milagres de transformação interior. A esta fidelidade, gerações de schoenstattianos retribuíram com abundantes contribuições ao Capital de Graças.

O que aconteceu no Vale de Schoenstatt, no dia 18 de outubro de 1914, se expandiu rapidamente por toda a Alemanha e países de língua alemã (Áustria e Suíça). Já na metade dos anos 30 do século passado, a força da Aliança chegava a outros continentes: América e África. Dava-se continuidade a uma história que chega até nós e é uma realidade em nosso dia-a-dia: a história da Aliança de Amor com Maria que é re-escrita por cada nova geração de Schoenstatt nos quatro cantos do mundo.

2. Meditação bíblica

Toda a história da salvação pode ser caracterizada também como uma história de Aliança. Deus sempre selou uma Aliança a seu Povo e por meio dela lhe ofereceu a salvação. O Senhor sempre se manteve fiel a essa Aliança e renovou-a várias vezes por conta da infidelidade dos homens. Meditemos os seguintes textos de Aliança:

- a Aliança com Noé e toda a Criação:

Deus disse a Noé e a seus filhos: “Eu estabeleço a minha aliança com vocês e com seus descendentes e com todos os animais que os acompanham: aves, animais domésticos e feras, com todos os que saíram da arca e agora vivem sobre a terra. Estabeleço minha aliança com vocês: de tudo o que existe, nada mais será destruído pelas águas do dilúvio e nunca mais haverá dilúvio para devastar a terra. (Gn 9,8-11)

- a Aliança com Abraão e sua descendência:

Quando o sol se pôs e veio a noite, uma labareda fumegante e uma tocha de fogo passaram entre os animais divididos. Nesse dia, o Senhor Deus estabeleceu uma aliança com Abraão nestes termos: “À sua descendência eu darei esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio, o Eufrates (...)” (Gn 15,17-18)

- a Aliança com Moisés e o Povo de Israel:

Então Moisés subiu a montanha de Deus e o Senhor o chamou, dizendo: “Diga à casa de Jacó e anuncie aos filhos de Israel o seguinte: vocês viram o que eu fiz aos egípcios e como carreguei vocês sobre asas de águia e os trouxe para mim. Portanto, se me obedecerem e observarem a minha aliança, vocês serão minha propriedade especial entre todos os povos, porque a terra toda pertence a mim. Vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa. (Ex 19,3-6a)

- a Aliança com o rei Salomão, filho de Davi, e o Templo:

O rei Salomão voltou-se e abençoou toda a assembléia de Israel. E todos permaneceram em pé. Então disse: “Seja bendito o Senhor, Deus de Israel, que realizou com a mão o que a sua boca havia prometido a meu pai Davi. “Desde o dia em que tirei do Egito o meu povo Israel, não escolhi nenhuma cidade dentre todas as tribos de Israel a fim de construir aí um Templo para o meu Nome, mas escolhi Davi para governar o meu povo Israel.” (...) E no Templo eu escolhi um lugar para a Arca, onde se acha a aliança que o Senhor fez com nossos antepassados, quando os tirou da terra do Egito. (1Rs 8,14-15.21)

- a Aliança eterna prometida aos profetas:

Eis que chegarão dias – oráculo do Senhor – em que eu farei uma aliança nova com Israel e Judá: não será como a aliança que fiz com seus antepassados, quando os peguei pela mão para tirá-los da terra do Egito; aliança que eles quebraram, embora fosse eu o Senhor deles – oráculo do Senhor. A aliança que eu farei com Israel depois desses dias é a seguinte – oráculo do Senhor: colocarei minha lei em seu peito e a escreverei em seu coração; eu serei o Deus deles e eles serão o meu povo. (Jr 31,31-33)

Na plenitude dos tempos, Deus selou a nova e eterna Aliança com todos os homens. Esta Aliança foi selada no sangue de Jesus Cristo, que se entregou à morte para nossa salvação. Nossa participação nesse acontecimento de salvação se dá no Batismo, quando somos incorporados a Cristo e à Igreja e recebemos o Espírito Santo. E a renovação dessa Aliança acontece na celebração dos demais Sacramentos: Crisma, Eucaristia, Reconciliação, Matrimônio, Ordem e Unção dos Enfermos.

Desse modo, Jesus Cristo é o mediador de uma nova aliança. Morrendo, nos livrou das faltas cometidas durante a primeira aliança, para que os chamados recebam a herança definitiva que foi prometida. (...) De fato, Cristo não entrou num santuário feito por mãos humanas, figura do verdadeiro santuário; ele entrou no próprio céu a fim de apresentar-se agora diante de Deus em nosso favor. Ele não teve que se oferecer muitas vezes, como o sumo sacerdote que todos os anos entra no santuário com sangue que não é seu. Se assim fosse, ele deveria ter sofrido muitas vezes desde a criação do mundo. Entretanto, ele se manifestou uma vez por todos no fim dos tempos, abolindo o pecado pelo sacrifício de si mesmo. E dado que os homens morrem uma só vez e depois disso vem o julgamento, assim também Cristo se ofereceu uma vez por todas, para tirar o pecado de muitos. Ele aparecerá uma segunda vez, sem nenhuma relação com o pecado, para aqueles que o esperam para a salvação. (Hb 9,15-16.24-28)

3. A Aliança de Amor em Schoenstatt

No dia 18 de outubro de 1914, o Pe. José Kentenich e um grupo de jovens selaram uma Aliança de Amor com Maria Santíssima.

Ao contemplar as glórias divinas no Monte Tabor, Pedro exclamou encantado: “Aqui é bom estar! Façamos três tendas” (Mc 9,5). Essas palavras sempre me voltaram à memória e freqüentes vezes me perguntei: não seria possível que a Capelinha de nossa congregação se tornasse nosso Tabor, no qual se manifestam as glórias de Maria? Sem dúvida, maior ação apostólica não podemos realizar, herança mais preciosa não podemos legar aos nossos sucessores do que mover nossa Senhora e Rainha a estabelecer aqui, de modo especial, o seu trono distribuir seus tesouros e realizar milagres da graça.

*Amo os que amam. Provem primeiro que realmente me amam e tomam a sério seus propósitos, agora vocês têm a melhor ocasião para demonstrá-lo. Não creiam que seja algo extraordinário se elevam ao máximo, mais que as gerações passadas, as exigências respeito a vocês mesmos, dado o tempo tão sério e tão grande como que vivemos atualmente. Conforme o plano da Divina Providência, a Grande Guerra Mundial deve ser, com seus poderosos impulsos, meio extraordinariamente proveitoso para vocês na obra de sua santificação. Essa santificação eu exijo de vocês. Ela é armadura que os revestirá, a espada com a qual devem lutar pela consecução de seus desejos. Tragam-me contribuições ao Capital de Graças pelo fiel e fidelíssimo cumprimento do dever e zelosa vida de oração. Adquiram muitos méritos e ponham-nos à minha disposição, então de boa vontade, me estabecerei em seu meio e distribuirei dons e graças em abundância. Daqui atrairei a mim corações juvenis e os educarei a serem instrumentos aptos em minhas mãos.
(Pe. José Kentenich, Primeiro Documento de Fundação – 1914)*

Sabemos que nos primeiros anos de Schoenstatt, a Aliança de Amor não teve este nome, era conhecida como consagração. Contudo, com os anos, especialmente com a experiência do Campo de Concentração e a certeza de que Schoenstatt era uma obra divina, nosso Pai e Fundador chegou à expressão “Aliança de Amor”, integrando, assim, toda riqueza bíblica ao acontecimento de graças em Schoenstatt.

3.1. Maria, a Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt

*“Não é bom é bom que o homem esteja só” (Gn 2,18). Esta palavra ressoa desde a manhã da Criação e se estende pelos séculos afora. O homem quem se refere aqui é Cristo. Não é bom que o Salvador do mundo esteja só. Em si, não necessita de auxílio e assistência por parte de homem algum, pois é Deus todo-poderoso. Porém, no conselho da Trindade foi decidiu que o Verbo Eterno recebesse a natureza humana de uma mulher e precisasse necessariamente de mãe. Por isso, referindo-se ao seu Filho, falou Deus Eterno: “Façamos-lhe uma Auxiliar!”
(Pe. José Kentenich, Maria, Mãe e Educadora, pág. 163)*

Maria é nossa aliada na Aliança de Amor. Com Ela selamos nosso compromisso; a Ela oferecemos nosso coração e vida; a Ela trazemos nosso Capital de Graças; d’Ela recebemos a missão. Seguindo, a reflexão de nosso Pai e Fundador, podemos afirmar que Maria se manifestou ao longo da história de Schoenstatt como a *permanente companheira e colaboradora ministerial de Cristo em toda a obra da Redenção.*

Esta formulação da missão de Maria revela sua posição dentro do Plano da Salvação: Maria sempre está ao lado de Cristo, sempre atua com Ele, sempre leva seus filhos a Ela. Maria foi completamente formada por Cristo: já no momento de sua concepção, a graça de Cristo a preveniu de todo pecado (cf. Dogma da Imaculada Conceição).

Ela foi escolhida para ser a Mãe do Salvador e também para acompanhá-lo em toda a sua vida. O Novo Testamento é testemunha desta companhia permanente: anunciação (Lc 1,26-38), bodas de Cana (Jo 2,1-12), aos pés da Cruz (Jo 18,25-27). Ela também acompanha a Igreja de seu Filho e implora com os discípulos a vinda do Espírito Santo (At 1,12-14).

Esta missão de Maria é uma realidade hoje: Ela permanece ao lado de seu Filho e também educa todos os que a Ela entregam seu coração segundo Jesus Cristo. Ao selarmos nossa Aliança de Amor, podemos ter certeza que Maria nos transformará cada um de nós em um *alter Christus*, isto é, em um outro Cristo para o mundo.

3.2. A Aliança de Amor é a renovação da Aliança batismal

A íntima relação existente entre a Aliança com Maria e com Deus está fundamentada no Batismo. É fácil entender isso, onde o relacionamento existente entre o amor de Maria e de Cristo se tornou visível. Repitamos: a Aliança de Amor com a Mãe de Deus é expressão, meio e garantia da Aliança com Deus. Pertence a uma ordem inferior; porém, segundo o plano de Deus, é de significado extraordinário. Assim como o caminho por Maria a Jesus, também a Aliança de Amor com Ela deve ser compreendida e avaliada simplesmente como clássica para a segurança e fecundidade da Aliança com Deus. Ambos condicionam-se e exigem-se, reclamam-se e fomentam-se mutuamente.

(Pe. José Kenterich, Maria, Mãe e Educadora pág. 240)

Toda salvação nos é dada por Jesus Cristo. Ao sermos batizados já recebemos a salvação em plenitude, já somos filhos e filhas adotivos de Deus e partícipes de sua vida divina. O Espírito Santo suscitou ao longo da história da Igreja caminhos que permitem aos fiéis tornar a graça batismal uma realidade diária. Entre esses caminhos está a Aliança de Amor.

Pelo Batismo, recebemos a fé e somos incorporados à Igreja. A Mãe de Deus, na Aliança de Amor, nos educa na fé, faz com que nossa opção por Cristo e sua Igreja seja uma realidade palpável, algo que se possa viver na escola, na universidade, no trabalho, na família. A Aliança de Amor aparece, portanto, como um caminho pedagógico cujo fim é nossa configuração com Cristo; o grande trunfo desse caminho pedagógico é o amor: tudo o que fazemos em nosso dia-a-dia, por essa configuração a Cristo, o fazemos por amor a Maria. Nesse sentido, é muito importante que, todos os dias, renovemos nossa Aliança de Amor com Ela, que aprendamos a “perder” tempo no Santuário, a Oficina do Homem Novo.

Na Aliança de Amor, podemos experimentar a fidelidade de Maria. Ela sempre é fiel a todos aqueles que lhe entregam seu coração. Esta fidelidade se manifesta em pequenos gestos concretos, como, por exemplo, a proteção em um

momento de dificuldades, a companhia silenciosa em momentos de solidão, a palavra de conforto. Essas manifestações da fidelidade da Mãe são um desafio para nossa própria fidelidade: Ela nos pede abundantes contribuições ao Capital de Graças. Conscientizar-nos desse desafio e nos esforçarmos pelas contribuições abundantes e diárias ao Capital de Graças é o caminho que Maria nos indica para que a graça batismal seja uma realidade do nosso cotidiano.

3.3. O Santuário, o lugar da Aliança de Amor

*No Santuário estamos reunidos.
Aí nossos corações ardem em amor
pela Mãe Três Vezes Admirável que,
por nós, quer construir teu reino.
(Pe. José Kentenich, Rumo ao Céu, 4)*

O Santuário é o nosso lugar de graças, onde nos “reabastecemos” e renovamos a nossa Aliança de Amor. Em sua casa a Mãe nos acolhe, nos transforma interiormente e nos envia em ardor apostólico. Essas são as três graças do Santuário de Schoenstatt.

As duas fontes de vida do Santuário de Schoenstatt são: a presença de Maria e as contribuições ao Capital de Graças. Evidentemente, a presença de Maria é a fonte principal de vida do Santuário, contudo, como podemos ler no *Documento de Fundação*, a Mãe de Deus quis vincular sua presença às nossas contribuições ao Capital de Graças, à nossa livre colaboração com a graça. Um Santuário, onde não há contribuições ao Capital de Graças, morre; Maria deixa de estar lá.

O primeiro de todos os Santuários é o Santuário Original, lugar onde o Pe. José Kentenich e a geração dos Cruzes Negras selaram a primeira Aliança de Amor. Nos anos seguintes à fundação, as Irmãs de Maria foram enviadas em missão a diversas partes do mundo: África do Sul, Argentina, Brasil, Chile, Estados Unidos e Uruguai. Durante a II Guerra Mundial, as Irmãs que trabalhavam no Uruguai ofereceram à Mãe de Deus a construção de um Santuário cópia do Santuário Original como prenda pela libertação de nosso Pai e Fundador do Campo de Concentração de Dachau. Em 1943, era inaugurado o primeiro Santuário Filial, em Nueva Helvetia... nascia, assim, o primeiro de uma grande rede de Santuários filiais.

Além dos Santuários filiais, também estão os Santuários-lar, os Santuários-quarto, os Santuários-trabalho e os Santuários-coração. De fato, o centro de Schoenstatt é a formação Santuário-coração, isto é, que o coração de todo schoenstattiano se transforme em um Tabor de Maria, onde Ela manifesta as suas glórias e derrama abundantemente as graças do abrigo espiritual, da transformação interior e do envio apostólico.

*Assim como reinas no alto do céu e
habitas transfigurado junto ao Pai,
estás inteiramente com teu ser
no Santuário do meu coração.
(Pe. José Kentenich, Rumo ao Céu, 143)*

CAPITULO

5

TABOR
FOGO HERÓICO

HOMEM NOVO

PUER ET PATER

VINCULAÇÃO

ALIANÇA DE AMOR

Homem Novo

1. Introdução

Em nosso dia-a-dia, é cada vez mais comum a existência de jovens que apenas “passam” pela vida. A falta de iniciativa, de liderança e, principalmente, de um compromisso sério com Deus e com os demais faz com que muitos permaneçam estagnados e paralisados. Eles simplesmente assistem o acontecer da história, porém não se sentem responsáveis pelo mesmo.

Essa situação os esvazia aos poucos e, com o tempo, destrói todo o potencial de uma geração. O futuro de toda a sociedade fica, portanto, comprometido. Não há homens de verdade capazes de assumir o desafio de escrever, com Deus, os destinos da história humana.

O Pe. José Kentenich, nosso Pai e Fundador, caracteriza esse tipo homem da seguinte forma:

- **o Homem Desdivinizado:** desligou-se de Deus em sua vida; para ele, Deus é o grande ausente, o grande desconhecido. Todo contato vital com a realidade da graça foi perdido. A religião não passa de tradições e costumes antigos, que não interferem, absolutamente em nada, na vida diária. Pela acentuação das normas morais, a relação pessoal com o Deus vivo e verdadeiro fica em segundo plano.

- **o Homem Desumanizado:** a consequência imediata de não estabelecer uma relação vital com Deus é a desumanização do próprio homem. No mundo profissional, está decretada a lei da selva, o mais forte sempre tem que vencer, tem que superar os mais fracos. No mundo afetivo, está declarado o império dos instintos, faz-se tudo aquilo que os instintos mandam, mas não se dá espaço para a razão, a vontade e, sobretudo, o coração. Por já não mais dar atenção à sua vocação de comunhão com Deus, o homem também está perdendo sua vocação de comunhão com o próprio homem.

- **o Homem Desvinculado:** a capacidade de vincular-se pessoal, profunda e afetivamente do homem atual se encontra atrofiada. Prima o vínculo superficial e momentâneo, não se permite que este se prolongue no tempo. Muitas vezes, se escuta a conhecida frase: “Para sempre, enquanto dure...”. Esta frase que pode caracterizar um namoro, um noivado ou, até mesmo, um casamento é um símbolo da incapacidade de vínculos pessoais. Dito de outra forma, o homem de hoje perdeu sua capacidade de amar pessoalmente.

Este é o homem velho.

Por outro lado, o Pe. José Kentenich caracteriza o homem novo. Maria, no Santuário, quer educar um novo tipo de homem:

- **um Homem Divinizado:** reconhece um Deus pessoal e se vincula com Ele. Deus se torna a medida e o ponto central de todo o acontecer histórico e da vida de cada um. Ele possui a profunda convicção de que tudo, absolutamente tudo, inclusive as dificuldades e desafios do dia-a-dia, provém do amor, da sabedoria e da bondade do Pai Providente.

- **um Homem Humanizado e Personalizado:** é o homem “humano”, que não se move simplesmente pelos instintos. Conhece as potências de seu espírito: inteligência, vontade e afetos/sentimentos e busca integrá-los em sua personalidade, não caindo, assim, em unilateralidades destrutivas (intelectualismo ou racionalismo, voluntarismo e sentimentalismo). Sabe da importância destas três potências e busca viver na sua harmonia.

- **um Homem Vinculado:** a capacidade de amar do homem foi ferida pelo pecado original. Sabemos que o Batismo nos libera da culpa original; no entanto, suas conseqüências permanecem. Uma das maiores conseqüências, como já vimos é a incapacidade de amar. O homem novo quer aprender a amar, quer aprender a se vincular corretamente com Deus, com seu próximo, com o mundo e consigo mesmo.

Para concluir, escutemos como nosso o Pe. José Kentenich define o homem novo:

O homem novo é a personalidade autônoma, de grande interioridade, com uma vontade e disposição permanente a se auto-decidir, responsável ante sua própria consciência e interiormente livre. Distancia-se tanto de uma forte escravidão às formas, como também a uma arbitrariedade que não conhece normas. (Pe. José Kentenich., Minha filosofia de educação, 1959)

2. Meditação bíblica

Não mintam uns aos outros. De fato, vocês foram despojados do homem velho e de suas ações e se revestiram do homem novo que, pelo conhecimento, vai se renovando à imagem do seu Criador. (Cl 3,9-10)

Dentro da Teologia paulina, nos encontramos com duas situações existenciais do homem no mundo: uma marcada pela graça e outra pelo pecado. É típico no pensamento do Apóstolo as contraposições, como podemos ler no texto de Colossenses. Temos outro exemplo na Epistola aos Efésios:

Não foi assim que vocês aprenderam a conhecer Cristo, se é que de fato vocês lhe deram ouvidos e se foram mesmo instruídos segundo a verdade que há em Jesus. Vocês devem deixar de viver como viviam antes, como homem velho que se corrompe com paixões enganadoras. É preciso que vocês se renovem pela transformação espiritual da inteligência e se revistam do homem novo, criado segundo Deus na justiça e na santidade que vem da verdade. (Ef 4,20-24)

O homem velho está marcado pela situação pecaminosa que Paulo remarca em seus escritos. O homem novo, por sua vez, está marcado pela graça de Deus que nos é oferecida em Jesus Cristo. É muito importante notar que Paulo remarca que o homem novo se caracteriza por uma nova atitude de vida, um novo estilo de vida que deixa de lado todos os antigos hábitos do homem velho. Mais um detalhe muito importante: o modelo, a imagem do homem novo é o próprio Jesus Cristo.

Mesmo que não utilize as expressões homem velho e homem novo, podemos verificar a contraposição mencionada no texto Rm 5,12-21 (a contraposição Adão e Jesus Cristo). A condição para que em cada um de nós surja o homem novo é a abertura à graça, que nos liberta do poder do pecado. Novamente chegamos à nossa primeira reflexão: a realização do homem novo começa no vínculo com Deus.

3. Caminhos para ser um homem novo

Como nos foi remarcado pelo Apóstolo Paulo e também por nosso Pai e Fundador, o momento decisivo para sermos homens novos é livre acolhida da graça de Deus por meio da pessoa de Jesus Cristo e pela ação do Espírito Santo. No entanto, uma vez que se acolhe esta graça, uma vez que se aceita o chamado para ser um homem novo, devemos atuar de tal maneira que o dom de Deus cresça em nós. Os caminhos que temos para que essa graça cresça e dê seus frutos são:

3.1. A auto-educação

O que é auto-educação?

Como a palavra indica, auto-educação é o esforço de nos tornarmos formadores de nossa própria personalidade, tomar nas mãos as rédeas da vida, impedindo que nos deixemos levar pelas influências da massa. Pela auto-educação, deixamos de ser infantis, tomamos consciência de nós mesmos, tornamo-nos responsáveis por nossa vida.

Como eu me auto-educo?

O primeiro passo é de nos conhecermos:

- Conhecer o nosso corpo, conhecer as potências de nosso espírito (inteligência, vontade e sentimentos);
- Conhecer nosso temperamento (colérico, sangüíneo, melancólico ou fleumático);
- Conhecer a nossa paixão dominante (concupiscível ou irascível);
- Conhecer também a minha história de vida, especialmente aqueles momentos mais importantes, sejam eles de alegria ou tristeza, pois neles Deus se manifestou de forma especial;
- Conhecer minhas conquistas e minhas derrotas.

Este primeiro passo da auto-educação se chama auto-conhecimento e toma bastante tempo. Inclusive, muitas vezes pensamos que já nos conhecemos bem e de repente, ante uma nova situação, descobrimos aspectos de nossa personalidade até então bem escondidos. O mais importante é que nos conheçamos desde a perspectiva de Deus, isto é, sou um filho predileto de Deus.

Por mais falhas que possa ter em minha personalidade, por mais dificuldades que possa ter em minha história de vida, por mais que possa ter experimentado minha miséria pessoal, tenho que ter a certeza, a convicção que Deus é meu Pai e Ele me ama como a “pupila de seus olhos”.

Auto-Conhecimento	
O que é dado na minha vida (elementos estáticos de minha personalidade)	O que recebo (elementos dinâmicos de minha personalidade)
Corpo	História de vida
Potências do espírito (inteligência, vontade e sentimentos)	Vínculos pessoais (especialmente com pessoas que marcaram minha vida)
Temperamento	Conquistas e derrotas
Paixão dominante	Possíveis traumas

Ante a misericórdia de Deus, toda miséria desaparece. E aqui se dá o segundo passo da auto-educação: a auto-aceitação. Deus me ama assim como sou, quem sou eu para não me amar, não me aceitar?

Sei que muitas vezes, gostaria de ter um corpo diferente do que tenho, gostaria de não ter um temperamento tão explosivo, ser mais inteligente, ser mais constante, menos emotivo, não ter sofrido tanto na minha história, não ter sido sempre super-protegido por meus pais, porque assim poderia me lançar mais facilmente ao mundo... gostaria de muitas coisas, no entanto, assim sou e é assim que Deus me conduziu, portanto me aceito tal qual sou.

A auto-aceitação é um grande ato de liberdade, pois tomo em minhas mãos quem eu sou e posso, assim, decidir o rumo da minha vida. Os filósofos modernos, assim como os Padres da Igreja, afirmavam que a liberdade é a capacidade que o homem tem de tomar sua vida nas próprias mãos e assim se identificar com o plano que Deus lhe tem preparado. Portanto, aceitar-se significa ser livre.

O terceiro passo da auto-educação é o auto-domínio como tal. Uma vez que me conheço, que me aceito, porque Deus me aceita assim como sou, posso dar o passo de me transformar. Os caminhos pedagógicos oferecidos por Schoenstatt para este passo são:

- o Ideal Pessoal;
- o Horário Espiritual;
- o Exame Particular mensal;
- o Caderno Pessoal (para anotações de minha história de vida);
- o Contrato Pedagógico.

A auto-educação é um imperativo para a formação do homem novo. Lemos essa urgência no Documento de Pré-fundação:

A auto-educação é um imperativo do tempo. Não é necessário conhecimento extraordinário do mundo e dos homens para ver que nosso tempo como todo o seu progresso e suas múltiplas descobertas, não consegue livrar o homem do vazio interior.

(Pe. José Kentenich, Documento de Pré-fundação, 1912)

3.2. Liderança

O homem novo está chamado a ser líder. Podemos caracterizar o líder da seguinte forma:

- Ser líder é um chamado, uma vocação;
- O líder deve se orientar por uma única idéia e arder por ela, uma única grande idéia que envolva sua inteligência, vontade e sentimentos;
- Consome-se inteiramente por aqueles que Deus lhe confiou;
- Está profundamente convencido da missão que assumiu;
- Tem sua força em uma confiança indestrutível em Deus, o que manifesta estando sempre disposto a cumprir sua vontade.

Além do mais, o líder autêntico mantém seu modo de pensar livre da influência da opinião pública. É tranqüilo, paciente, não grita, nem se desespera. Pensa com clareza, fala com inteligência, vive com sensatez. Está orientado para o futuro e não para o passado. Sempre tem tempo, não despreza ninguém. Está sempre disposto a aprender mesmo com as crianças e trabalha pelo prazer do trabalho, não pela recompensa material. Reconhece seu erro e é capaz de pedir perdão.

Podemos afirmar que o líder schoenstattiano é um verdadeiro pai. Nosso Pai e Fundador afirma que para sermos líderes, devemos ser pais, isto é, devemos servir desinteressadamente a vida dos que nos são confiados. O líder schoenstattiano se caracteriza por sua capacidade de vínculos, por sua capacidade de amar profunda e duradouramente.

A razão pela falta de acolhimento que mostra o mundo atual está no fato de este se tornou um mundo sem pais. (...) Várias coisas dependem do fato de que o pai não tenha sido arrancado do organismo da vida familiar. A cura do mundo supõe a cura da família e a família inclui essencialmente uma reforma no conceito de pai, da consciência e da atitude paternal. (...) A razão interna para a perda da autoridade paterna reside, talvez, que ao longo dos anos, o pai tenha demonstrado seu desvalimento interior e exterior. Não pôde proteger seus filhos do perigo das bombas. O mesmo teve que se expor muitas vezes a perigos, para os quais ainda não estava preparado. Desta maneira, a consciência da força paterna desapareceu e, como ela, uma experiência fundamental da vida familiar foi sendo distanciada. (Pe. José Kentenich, Curso Pedagógico, 1950)

Uma característica fundamental do líder schoenstattiano é seu vínculo a Maria. Ele sabe que a verdadeira Educadora do homem novo e do líder é Maria. Portanto, se vincula a Ela entregando-lhe seu coração e levando muitas contribuições ao seu Capital de Graças, no Santuário. Maria nos transforma em pais, Ela faz com que nós aprendamos a servir desinteressadamente a vida dos que nos são confiados.

Algumas imagens negativas de um líder:

- o ideólogo (teoria excessiva);
- o organizador (sabe lidar com estruturas, porém não com pessoas);
- o general (o mandão);
- o político (manipulador e que quer passar uma imagem boa de si mesmo para todos);
- apático (sem expressão).

3.3. A santidade

Para compreendermos verdadeiramente o que é a santidade temos que ler a Sagrada Escritura:

Eu sou o Senhor, o Deus de vocês. E vocês foram santificados e se tornaram santos, porque eu sou santo. (Lv 11,44).

A santidade não é simplesmente um atributo de Deus, é sua essência. Ademais, tudo o que Ele faz também é santo. A santidade do homem nasce do fato de ter sido criado a imagem e semelhança de Deus, de ter sido redimido por Jesus Cristo, o Filho de Deus, e de ser constantemente santificado pelo Espírito Santo.

Essa participação na vida divina, como tudo na vida cristã, não pode se dar somente de palavra; deve se manifestar em gestos concretos, em um estilo de vida concreto. Portanto, ser santo significa, da parte do homem, dar seu sim diário a este Deus Santo, abrir-se à sua ação e estar sempre disposto a cumprir sua vontade.

Santidade não é um caminho aberto somente àqueles que consagram sua vida a Deus no sacerdócio ou na vida religiosa, mas sim a todos os homens e mulheres estão chamados à santidade. Esse chamado acontece no momento do Batismo, quando somos incorporados a Cristo e recebemos o Espírito Santo. Além do mais, o mundo de hoje necessita urgentemente de santos. Nosso Pai e Fundador insistiu muito na importância do santo da vida diária: aquele que é capaz de impregnar seu ambiente de trabalho, de estudo, sua família com a presença de Deus.

Podemos encontrar o mesmo anseio em uma carta do saudoso Papa João Paulo II aos jovens:

Precisamos de santos sem véu ou batina.

Precisamos de santos de calças jeans e tênis.

Precisamos de santos que vão ao cinema, ouvem música e passeiam com os amigos.

Precisamos de santos que coloquem Deus em primeiro lugar, e que se "lascam" na faculdade.

Precisamos de santos que tenham tempo todo dia para rezar e que saibam namorar na pureza e castidade, ou que consagrem sua castidade.

Precisamos de santos modernos, santos do século XXI com uma espiritualidade inserida em nosso tempo.

Precisamos de santos comprometidos com os pobres e as necessárias mudanças sociais.

Precisamos de santos que vivam no mundo, se santificam no mundo, que não tenham medo de viver no mundo.

Precisamos de santos que bebam coca-cola e comam hot dog, que usem jeans, que sejam internautas, que escutem discman.

Precisamos de santos que amem a Eucaristia e que não tenham vergonha de tomar um refrigerante ou comer pizza no fim de semana com os amigos.

Precisamos de santos que gostem de cinema, de teatro, de música, de dança, de esporte.

Precisamos de santos sociáveis, abertos, normais, amigos, alegres, companheiros.

Precisamos de santos que estejam no mundo; e saibam saborear as coisas puras e boas do mundo, mas que não sejam mundano. (João Paulo II, Carta aos jovens)

O Santo que o Papa João Paulo II apresentou tem um nome em Schoenstatt: ele é o Homem Novo. Ele assume diariamente o desafio de viver na presença de Deus e no serviço de seus irmãos e irmãs. O caminho para a concretização desse desafio é a vinculação verdadeira com Deus, com o seu próximo, com o mundo e consigo mesmo. Ele sabe que é por meio dos vínculos diários será capaz de viver a santidade.

CAPITULO

6

PUER ET PATER

HOMEM NOVO

TABOR

VINCULAÇÃO

FOGO HERÓICO

ALIANÇA DE AMOR

Vinculação

1. Introdução

Como todo grupo, um grupo de vida em Schoenstatt começa com desconhecidos. Evidentemente, alguns possuem experiências em comum na escola, na turminha do bairro, se conhecem da quadra, alguns são parentes. Mas, no fundo, até esses são desconhecidos. Com o passar do tempo e das vivências em comum, um grupo de desconhecidos se transforma em um grupo de amigos, podendo chegar a ser um grupo de irmãos. Esse processo, vivido dentro de um grupo de Schoenstatt, também pode acontecer na universidade, no trabalho e até mesmo dentro da própria família e se dá pelo aprofundamento e o amadurecimento dos vínculos.

Vincular-se é ligar-se a alguém ou a algo. Contudo, não falamos de uma ligação momentânea e superficial, mas, sim, duradoura e profunda. Em um grupo, os vínculos surgem e amadurecem pela vida dos membros. Busca-se conscientemente o vínculo pela vivência dos ideais, do crescimento espiritual, emocional e intelectual e, no caso de um grupo de homens, pela vivência da conquista e realização de uma missão em comum.

Nossos grupos conhecem um profundo cultivo da amizade, um sério estudo, um ativo trabalho e uma séria auto-formação. Mas tudo isso forma neles uma unidade orgânica: são uma comunidade de graça, de vida e de ideais que age como fermento em seu ambiente.

(Pe. Antonio Cosp, Manual del jefe y del encargado de grupo)

Vivemos em um mundo onde as relações entre as pessoas são freqüentemente marcadas pelo interesse, pela distância e pelo individualismo. O grupo de vida schoenstattiano quer ser uma verdadeira comunidade, isto é, viver de modo concreto a fraternidade. Essa fraternidade não é puramente espiritual, trata-se de uma realidade verdadeiramente humana: cada membro deve se sentir especial pelo interesse do outro.

Em nossos dias, há uma grande necessidade de verdadeiras comunidades. O homem de hoje quer sentir-se amparado, abrigado e protegido. Verdadeiras comunidades lhe proporcionam essa vivência central para a formação de sua personalidade e para o seu crescimento.

O problema do lar pode ser compreendido em um sentido mais amplo, assim como nós queremos compreendê-lo e apresentá-lo, como problema cultural da atualidade. Por isso, a falta de pátria é o núcleo da crise cultural atual.

(Pe. José Kentenich, Curso Pedagógico 1951)

Ao homem lhe falta ninho, lhe falta vinculação, lhe falta estar inserido dentro de um organismo de vinculações que supre sua necessidade afetiva, especialmente a necessidade de sentir-se amado pelo próximo. Como já tivemos a oportunidade de ler, este foi o foco central do trabalho do Pe. José Kentenich, nosso Pai e Fundador. Quando ele afirma que o problema da falta de lar pode ser compreendido como o problema central de nossa cultura, está

falando que nosso grande problema atual é a falta de vinculações sadias que permitem nosso desenvolvimento pessoal.

Ele se esforçou durante toda a sua vida para criar um organismo de vinculações. Aqueles que lhe eram confiados teriam, assim, a vivência básica dos vínculos que todo homem deve ter. Nesse sentido, a missão dos vínculos é central dentro do carisma de Schoenstatt.

Todo schoenstattiano está chamado a crescer em sua capacidade de vínculos, em sua capacidade de amar. Trata-se de um desafio muito grande, uma missão gigantesca, porque ao melhorar nossa capacidade de vinculação não estaremos simplesmente assegurando que vamos ter uma comunidade boa para nós, mas seremos uma resposta para os problemas de nossa época.

2. Meditação bíblica

Os apóstolos voltaram para Jerusalém, pois se encontravam no chamado monte das Oliveiras, não muito longe de Jerusalém: uma caminhada de sábado. Entraram na cidade e subiram para a sala de cima, onde costumavam hospedar-se. Aí estavam Pedro e João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão Zelota e Judas, filho de Tiago. Todos eles tinham os mesmos sentimentos e eram assíduos na oração, junto com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus. (At 1,12-14)

Os primeiros cristãos vivenciaram o significado da verdadeira comunidade. Tinham tudo em comum e repartiam seus bens com alegria. Muitas vezes, nós queremos reduzir esta característica da comunidade cristã de repartir com alegria seus bens somente ao aspecto material, por exemplo, a partilha de comida, roupas, dinheiro.

Sem dúvida, essa dimensão da partilha diária é fundamental para que a comunidade cresça e se mantenha; no entanto, quando meditamos o livro dos Atos dos Apóstolos, nos encontramos com outros bens que eram partilhados pelos primeiros cristãos com alegria: a fé, a companhia espiritual, a missão em um ambiente adverso, o desafio de carregar juntos a cruz da vida diária, a certeza de que estavam reunidos não por si mesmos, mas, sim, pelo seu Deus e Salvador, Jesus Cristo.

Um aspecto que sempre deveríamos ter presente em nossa meditação sobre a vida cristã e a nossa vida em comunidade é a pergunta se somos capazes de partilhar nosso tempo. O tempo nos dias de hoje é um bem muito escasso e caro... ninguém tem tempo! Esta é a frase que sempre escutamos, se é que muitas vezes não a dizemos. Temos muitos compromissos e sempre estamos ocupados; no entanto, temos tempo para o nosso próximo?

Quando falamos do próximo não temos que pensar somente naquele próximo que está longe de mim. O meu próximo é quem está mais perto de mim... tenho tempo para meus pais? Tenho tempo para meus irmãos? Tenho

tempo para meus irmãos de grupo? Tenho tempo para quem, de fato, precisa de mim?

Queremos construir uma comunidade, queremos ser como os primeiros cristãos e partilhar tudo o que temos, colocar tudo o que temos em comum. Um bom começo é aprender a partilhar o tempo, pois é um bem escasso, caro e fundamental, para que a Nova Comunidade, como nos pede nosso Pai e Fundador, surja.

A vinculação não pode ser simplesmente uma idéia bonita, a vinculação deve ser real em nossas vidas. Devemos nos empenhar para sermos homens vinculados, especialmente com nossos irmãos e irmãs. Portanto, dediquemos tempo às vinculações! Dedicuemos nosso tempo na formação de verdadeiras comunidades de vida!

3. Vinculação e Nova Comunidade

A Mãe de Deus nos deu um ao outro. Queremos permanecer reciprocamente fiéis: um no outro, com o outro, para o outro, no coração de Deus. Se não nos reencontrássemos ali, seria terrível. Ali devemos voltar encontrar-nos. Não devemos pensar: vamos para Deus, por isso devemos separar-nos. Não quero ser simplesmente uma placa na beira da estrada. Não! Vamos um com o outro. E isto por toda a eternidade. Quão errado seria ser somente placa à beira do caminho. Estamos um junto ao outro, agora e na eternidade; também aí estaremos um no outro. Este é o eterno habitar de um no outro, próprio do amor! E então, permanecendo um no outro contemplaremos nossa querida Mãe e a Santíssima Trindade.

(Pe. José Kentenich, Conferência de 31 de maio de 1949)

Para nosso Pai e Fundador, comunidade tem o mesmo significado que amor. Ser comunidade significa viver um profundo e misterioso “ser no outro, para o outro e com o outro”.

“Ser um no outro” significar levar o irmão no coração. Esse é o sentido da verdadeira amizade: não somente a proximidade física, mas o sentir-se unidos porque levamos o outro no coração. “Ser um para o outro” significa estar à disposição do outro para o que ele necessite, especialmente pelo contato pessoal. “Ser um com o outro” significa uma comunidade de tarefas – juntos queremos empenhar nossas forças para a construção do Reino de Deus e da Mãe de Deus.

A Nova Comunidade também se caracteriza pelo seu caráter familiar: é uma comunidade de irmãos e também de pais e filhos. Aqueles que possuem uma missão paternal ou maternal ante a comunidade, a desempenham como serviço desinteressado. Por outro lado, os irmãos se reconhecem como tais, porque aceitam a todos os demais.

3.1. Vivenciar a vinculação na família e no grupo de vida

O primeiro lugar onde o desafio de tornar realidade a Nova Comunidade e as vinculações é nossa própria família. Como é difícil fazer comunidade dentro de casa? Como é desafiante armar uma comunidade de vida com nossos pais e irmãos? Trata-se de uma grande tarefa que temos ante nós, especialmente desde a perspectiva de sabermos responsáveis pela construção de uma nova ordem social que começa dentro da família.

Hoje em dia, a família vem sendo atacada por diversos lados: famílias que se desfazem, filhos que não se comunicam com seus pais, uniões que têm a pretensão de serem chamadas famílias (p. ex.: as uniões homossexuais ou a constituição de famílias mono-parentais, isto é com somente um princípio parental, seja paterno ou materno).

Quando falamos de verdadeiras vinculações não queremos, simplesmente, expressar nosso desejo de experimentar a riqueza das relações humanas. Estamos convencidos de que pelas vinculações (e pela Nova Comunidade) uma nova ordem social surgirá. Somos motivados pelo desafio de construir de uma nova sociedade! Assumamos, pois, o desafio de tornar realidade a Nova Comunidade, cujo começo está em nossa própria família.

*Se a qualquer pessoa e difícil já é difícil deixar-se impregnar pela graça, parece-nos, então, quase impossível dar forma a toda uma família segunda a imagem da Santíssima Trindade ou da Sagrada Família de Nazaré. Sempre foi assim. Em toda parte, no entanto, o tempo atual conduz a um completo desenraizamento de todas as relações vitais e mostra seus devastadores efeitos, especialmente no Santuário da família. Se através de Schoenstatt, Nossa Senhora quer formar e educar uma nova sociedade humana, um novo tipo de homem, deverá necessariamente concentrar todo seu poder de graças na criação e multiplicação de sólidas famílias schonstattianas.
(Pe. José Kentenich, Carta de Santa Maria – 15/04/1948).*

Além de nossas famílias, temos a oportunidade de vivenciar profundas vinculações em um grupo de vida. Esse grupo de vida pode ser caracterizado como:

- O grupo vida é comunidade fraterna: a relação que deve prevalecer dentro do grupo é a de irmãos, que se acompanham mutuamente, que conhecem suas qualidades e defeitos, seus problemas e limitações, suas conquistas e alegrias. Superando as diferenças de personalidades, as antipatias, as distâncias, a meta do grupo é a vivência profunda da fraternidade.
- O grupo quer ser exemplo concreto da Nova Comunidade: é formado por personalidades capazes de amar, servir e respeitar. O amor é base dos relacionamentos dentro do grupo.
- O grupo de vida é comunidade de Aliança: pela Aliança de Amor com Maria, o grupo tem forças para tornar realidade a vinculação com o mundo da graça. Nesse sentido, o grupo de vida não nasce simplesmente pelo fato de que somos um grupo de amigos bem

intencionados, mas possui um selo da graça de Deus, da presença de Deus assegurada pela presença de Maria.

- O grupo de vida é uma comunidade de ideais: o ideal do “homem novo na nova comunidade com um marcado caráter apostólico” arde no coração de todos os membros do grupo. É o mesmo ideal que ardeu no coração do Pe. José Kentenich, nosso Pai e Fundador, e da primeira geração, os Cruzes Negras.

- O grupo é uma comunidade de formação e auto-educação: o grupo pode ser comparado a uma oficina onde o homem novo schoenstattiano é formado. Os membros se sentem solidários uns com os outros no empenho pela auto-educação; como irmãos se aceitam mutuamente, como responsáveis pela missão exigem uns dos outros o melhor que podem oferecer.

- O grupo de vida é uma comunidade apostólica: o grupo nasce por causa da missão. A tarefa apostólica é partilhada por todos os membros do grupo.

3.2. A vinculação nos conduz à missão e a missão nos conduz à vinculação

Muitos gostam de se referir à Igreja como um exército em ordem de batalha, isto é cada paróquia, cada movimento, cada organização tem uma tarefa específica na luta pelo Reino de Deus, assim como no exército temos a infantaria, a artilharia, o serviço de inteligência, etc.

Os grupos do Movimento Apostólico de Schoenstatt têm sua razão de ser em uma forte influência apostólica. Estão chamados a ser casos pré-claros, exemplos vivos do homem novo e da Nova Comunidade para o mundo; este é o apostolado do ser. Também, organizam projetos apostólicos em suas paróquias, universidades, escolas, ambientes de trabalho; este é o apostolado da ação. E finalmente, os grupos de Schoenstatt oferecem abundantes contribuições ao Capital de Graças e possuem uma ardente vida de oração; este é o apostolado da oração.

Nos grupos masculinos são orientados pela tarefa, pela ação apostólica. Esta orientação tem dois significados: em primeiro lugar, a missão não pode ser realizada somente um membro isolado do grupo, deve ser realizada em comum; em segundo, pela tarefa, pela missão, o grupo também se experimenta como uma comunidade de corações, onde o “ser um no outro, para o outro e com o outro” se faz realidade.

3.3. Maria, Aquela que nos une em uma comunidade

A vinculação que surge entre os membros de um grupo de vida tem sua raiz na vinculação que eles têm com Maria Santíssima. Assim como os discípulos de Jesus perseveravam na oração com Ela implorando a vinda do Espírito Santo, nós somos comunidade em torno à Mãe.

Como já meditamos, o grupo de vida é uma comunidade fraterna... somente poderá sê-lo porque tem uma Mãe que vincula seus filhos. O grupo de vida é um exemplo concreto da Nova Comunidade... somente pode sê-lo porque tem em Maria a formadora do homem novo, aquele que é capaz de viver em Nova Comunidade.

O grupo de vida é uma comunidade de Aliança... de Aliança com Maria, a Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt. O grupo de vida é uma comunidade de ideais... estes ideais que ardem no coração de cada um dos membros do grupo é um presente da Mãe de Deus, Ela em seu Santuário inflama nossos corações pelos grandes ideais da vida cristã.

O grupo de vida é uma comunidade de formação... somente o será se reconhecer em Maria sua Educadora. Ela não é somente Aquela a quem pedimos algo, Ela é a nossa Educadora, quer nos formar segundo a imagem de seu Filho, Jesus Cristo. O grupo de vida é uma comunidade apostólica... somente o será se todos os dias se colocar na presença da Mãe e implorar d'Ela a graça da missão; somente o será se a cada encontro de grupo se ajoelhar ante sua imagem de graças no Santuário e implorar que Ela lhe dê a perseverança apostólica.